

@internet e #rua

Conselho editorial  
da Coleção Cibercultura

Adriana Amaral  
André Lemos  
Alex Primo  
Clóvis Barros Filho  
Denize Araújo  
Erick Felinto  
Fernanda Bruno  
Francisco Menezes  
Juremir Machado da Silva  
Luis Gomes  
Paula Sibilía  
Raquel Recuero  
Simone Pereira de Sá  
Vinicius Andrade Pereira

CIBER  
CULTURA

# @internet e #rua

ciberativismo e mobilização  
nas redes sociais

Fábio Malini  
e  
Henrique Antoun



*Editora Sulina*

© Autores, 2013

Capa: Humberto Nunes  
Projeto gráfico: Fosforográfico/Clo Sbardelotto  
Editoração: Clo Sbardelotto  
Revisão: Gabriela Koza  
Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

M251i Malini, Fábio  
A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais/  
Fábio Malini e Henrique Antoun. – Porto Alegre: Sulina, 2013.  
278 p.; (Coleção Cibercultura)

ISBN: 978-85-205-0684-4

1. Redes Sociais. 2. Comunicação Digital. 3. Cibercultura.  
4. Comunicação de Massa – Aspectos políticos. 5. Internet – Aspectos  
Políticos. 6. Redes Sociais – Política. I. Antoun, Henrique. II. Título.

CDU: 004.738  
007

316.77

CDD: 301.14  
301.243

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101  
CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS  
Tel.: (51) 3311 4082 Fax: (51) 3264 4194  
sulina@editorasulina.com.br  
www.editorasulina.com.br

Agosto / 2013  
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Agradecimentos

À Francis Sodré.  
À Jacqueline Adêo Humel Antoun.



# Sumário

Prefácio .....	9
<b>1. A INVENÇÃO DO CIBERESPAÇO .....</b>	<b>17</b>
A invenção do midialivrisimo, ou o <i>hacker</i> de narrativas ..	21
Cultura informática e as lutas antidisciplinares .....	25
A Internet aberta das BBSs e da Usenet .....	32
<i>Hackers, crackers</i> e a cultura livre .....	41
O nascimento do <i>copyleft</i> .....	43
A contracultura da cultura <i>hacker</i> .....	45
A superestrada capitalista da informação em rede .....	47
<b>2. A LEI DOS PARES NA CIBERCULTURA .....</b>	<b>55</b>
À Sombra da <i>Jihad</i> e do <i>McMundo</i> .....	60
Comunidades de araque .....	63
O império e as redes .....	65
O advento da guerra em rede .....	67
O império se investiga .....	70
As redes de guerra em rede e a multidão .....	75
O ciberespaço entre parênteses? .....	78
Micropolítica da multidão .....	80
A multidão armada .....	83
A parceria e a gestão do comum .....	86
O Napster e as mediações do P2P .....	90
O Gnutella e a distribuição descentralizada .....	94
A arquitetura semicentralizada da parceria .....	99
O Emule e a interação das redes P2P .....	104
O processo não linear integrado do Torrent .....	105
Sistemas de gestão do comum e a fúria do capital .....	109
A parceria e a publicação colaborativa em rede .....	111
Jornalismo participativo nos portais .....	113
Jornalismo participativo na nova mídia .....	115
Genealogia da blogosfera e a luta por autonomia .....	117
O advento dos diários .....	120
<i>Blogs</i> furam os portais da Internet .....	123
A potência da comunicação e da parceria .....	129
O nascimento da mídia livre .....	134

Ativismo, ação direta e mídia livre .....	137
Escolha, liberdade e resistência .....	140
Militância e ativismo .....	143
Intempestividade, movimento e comunidade .....	144
O legal e a mídia livre .....	145
<b>3. CIBERATIVISTAS NAS REDES E RUAS .....</b>	<b>152</b>
Monitoramento e disputa pela primazia das narrativas .....	158
A liberdade “negativa”, ou o biopoder na Internet .....	160
A guerra do código e os limites da rede colaborativa .....	165
O monitoramento e seu debacle no 4chan .....	168
Anonimato, audiência e mídia livre .....	170
A liberdade positiva, ou a biopolítica na rede .....	175
A guerra das narrativas entre <i>blogs</i> e mídia: a luta social na democracia .....	178
Multimídias: dos meios de informação aos meios de coordenação .....	184
As lutas atuais e as demandas de subjetivação .....	188
A censura como monitoramento e o vazamento como resistência na Web 2.0 .....	190
A censura pós-moderna na Web 2.0 .....	194
Modos narrativos e práticas políticas .....	205
Vazamento, anonimato e franqueza nos movimentos sociais .....	207
<b>4. O DEVIR MUNDO DO OCUPAR .....</b>	<b>210</b>
<i>Timeline</i> , perfis e o valor do compartilhamento .....	213
Conversação, controvérsias e cuidado de si .....	217
Narrativas, redes sociais e mobilização política .....	220
Mobilização social e comportamento informacional no Twitter .....	224
Os perfis ocupam o mundo .....	230
Ativismo e novas narratividades .....	242
Imprensa como <i>hub</i> , perfis como narradores .....	246
Notas .....	250
Referências .....	263



# Prefácio

## “Nós somos a rede social”

*Ivana Bentes*

Diante da proposta de muitos grupos ativistas de “exôdo” e saída em massa das plataformas e redes sociais fechadas e corporativas (Google, Facebook e outras por vir) que nos submetem a um novo regime de expropriação, monetizam nossas conexões afetivas, monitoram nossas redes de relações, se apropriam de nossa inteligência, tempo e vida, uma questão surge de forma perturbadora: mas e se a revolução e a resistência começarem por aí? Afinal, as revoltas e as mudanças no capitalismo fordista não vieram justamente de espaços de lutas e assujeitamento? As redes sociais e plataformas não são, no capitalismo cognitivo, o equivalente ao chão de fábrica fordista?

A provocação tem como objetivo explicitar o que seja talvez uma das questões mais difíceis do presente urgente: como afinal se movimentar e resistir “de dentro” dos poderes, como lutar “de dentro” do capitalismo sabendo que, por exemplo, diante de empreendimentos corporativos que capitalizam o comum, sempre podemos contrapor a multidão (Primavera Árabe, 15M na Espanha, Occupy Wall Street, os protestos de junho de 2013 e manifestações em todo o Brasil) que vem “hackeando” os sistemas de monetização da vida e se apropriando de suas ferramentas e tecnologias para produzir resistência, turbulências, desvios, invenções.

Este livro, lançado em meio à turbulência, faz uma história do presente e trata destas novas lutas e embates recorrentes, em

que não há lugar para dualismos e maniqueísmos, ao contrário, busca reposicionar e analisar as conexões entre o mundo digital e analógico, as redes digitais e a multidão nas ruas, a linha que conecta a contracultura, as lutas antidisciplinares dos anos 60 e 70, a cultura digital, o ativismo *hacker*, as narrativas midialivristas, as demandas por governança, a democracia participativa, o fim da cultura do segredo. Estamos falando de um momento de codependência entre diferentes campos e de reconfiguração conceitual e política.

Os autores, Henrique Antoun e Fabio Malini, pesquisadores e ativistas, atravessam a historiografia, arregimentam conceitos, analisam movimentos e ações ativistas traçando um vivo panorama para pensarmos o presente urgente. Poderíamos dizer que esse livro busca mapear e cartografar, tensionar, analisar e apontar caminhos, menos que responder a uma questão inquietante: afinal, o que está acontecendo? É o que nos perguntamos a cada dia diante das mudanças e mutações nas formas de estarmos juntos. Pois, sem dúvida, estamos imersos e atravessados por um novo “bios”, uma miosfera constituída de redes, dispositivos, dados, processos de interação humano/não humanos, que curto-circuitaram a separação entre as redes e a rua.

Esse é o ponto de partida dos ensaios e análises de caso do livro, pois nos movimentamos em ambientes híbridos, reais/virtuais, em que o “*download* do ciberespaço” projetado por William Gibson em *Neuromancer* é experimentado no cotidiano, e o que chamamos de “ciberespaço” não pode mais ser concebido como um espaço social separado. Não “entramos” mais na Internet, ela nos atravessa de diferentes formas em conexões a céu aberto que lutamos para democratizar e acessar. “Nós somos a rede social”, como disseram os manifestantes brasileiros nas ruas.

Tendo como pano de fundo as mutações no capitalismo cognitivo, a nova economia e as novas formas de ativismo, os

autores vão analisando os impasses, as novas formas de captura e as linhas de fuga nesse contexto em que o próprio capitalismo e suas dinâmicas portam o que Richard Barbrook nomeou, não sem ironia, como sublinham os autores, de “cibercomunismo”, ou seja, a emergência de uma economia da abundância, do compartilhamento, uma economia da dádiva que coloca em xeque a economia da escassez, das travas e embarreiramentos que *diante da livre circulação do conhecimento e de uma infraestrutura tecnológica cada vez mais acessível* tem que criar escassez artificial.

Os impasses em torno do pensamento da Cultura Livre e do Copyleft e o arsenal jurídico e policial de defesa da Propriedade Intelectual e do Copyright dão o tom das análises nesse tópico que mobiliza as derivas corporativas que privatizam o comum, as investidas de controle dos Estados, as tentativas de alinhamento de partidos e corporações num cenário de disputa por mundos.

Entre as questões analisadas no livro, destacamos a dinâmica paradoxal do capitalismo cognitivo. A cultura digital fez emergir um impasse entre as formas clássicas de remuneração e a “cultura ou economia da gratuidade” (“nós não vamos pagar nada”), e, mais do que isso, coloca no coração do capitalismo uma dinâmica paradoxal: capturar, “monetizar”, conter o “incomensurável” (o que não tem uma medida) e que foge o tempo todo do controle: o conhecimento produzido e compartilhado nas redes sociais, coletivos, ambientes públicos, o que se produz em uma comunidade de desenvolvedores de *software* livre, o trabalho não assalariado de redes com caixas coletivos que criam autonomia, as atividades de um agitador e gestor cultural cuja vida se confunde com seu trabalho, ou as ideias e ações criadas coletivamente nas redes ou nos territórios.

O paradoxo capitalista é ter que barrar a socialização, compartilhamento e difusão cada vez mais veloz da produção,

resultado do trabalho cognitivo e afetivo, que não pertencem mais ao capital, mas resultam das relações sociais de cooperação. Barrar a produção de riqueza do comum com base no direito de propriedade, Copyright, máquinas de patentes e inúmeras operações de criação de escassez artificial para impedir a epidemia colaborativa ou os novos mecanismos de captura real e simbólica da riqueza dos muitos.

Diante de tantos mecanismos de controle, barragem, taxações, apropriações, como devolver para o “comum” e para o “coletivo” a potência de invenção e de colaboração? Sem privatizar o comum, mas também “monetizando” e cobrando de quem pode pagar, colaborar, financiar. Esse é hoje um desafio e um problema no capitalismo cognitivo que não tem uma resposta-modelo para essas diferentes questões. Mas já que somos todos produtivos, e vida-trabalho se confundem, os novos movimentos políticos e os mais decisivos reivindicam uma renda mínima universal, ou seja um salário para existir.

Esses impasses atravessam diferentes campos, e surgem como estruturantes de uma outra dinâmica cultural e econômica. Os autores se debruçam sobre um campo em especial, o capitalismo informacional ou cultural e os embates entre a mídia corporativa e a mídia livre na disputa pela construção de narrativas. “O midialivrista é o *hacker* das narrativas”, capaz de rivalizar, subverter, contrapor com diferentes estratégias as narrativas produzidas pelos grandes conglomerados de comunicação.

O discurso e a prática do “hackeamento” é hoje uma estratégia de coletivos, movimentos, redes, midialivristas que nas suas táticas e estratégias de resistências não simplesmente se apropriam desses conteúdos e os modulam, mas também não se recusam a dialogar e mesmo a fazer uso da dimensão espetacular, memética, sedutora e *hype* da midiosfera. Aqui os autores fazem uma distinção (uma fronteira que se embaralha continu-

amente e se complementa na prática dos movimentos) entre o que seria o “midialivrismo de massa” que “quer se liberar do poder concentrador da propriedade dos meios de comunicação” e o ciberativista que “quer radicalizar os direitos fundamentais (ou mesmo subverter o sentido liberal destes), sobretudo, a liberdade de expressão”.

A forma rede, na sua configuração P2P, cooperativa, desindividualizada, não responde mais aos atos de fala e de comando vindos de uma centralidade qualquer (partidos, mídia, ONGs, grupos já previamente organizados, etc.), mas emerge como uma rede policêntrica ou distribuída capaz de se articular local e globalmente, numa conexão máxima, e capaz de rivalizar (inclusive por sua imprevisibilidade) com as redes constituídas dos poderes clássicos.

Os autores apresentam as diferentes configurações e formas híbridas de redes, colocando em cena os conceitos de guerra do controle (*cyberwar*) e de guerra em rede (*netwar*) desenvolvidos por Ronfeldt e Arquilla, a doutrina da “resistência sem líder”; a afluência de multidão (*swarming*) e outros diferentes modos de combate. E mostram como essas distintas configurações podem ser encontradas em diferentes campos: “nas formas de ação de ONGs de ativistas da sociedade civil globalizada”, “redes de movimentos ambientalistas e sociais desde os anos 60, redes terroristas, criminosas, etnonacionalistas e fundamentalistas em todo mundo”.

Ainda tendo como base Ronfeldt e Arquilla, os autores analisam os diferentes tipos de narrativas adotados nas redes, organizações, ONGs, instituições: a narrativa mítica que assegura a coesão de uma rede como a de Bin Laden, a narrativa fabulada pela rede Zapatista (“Marcos somos todos”), assim como outras narrativas de “redes de guerra em rede”, ONGs, ativistas, anarquistas, *hackers*, movimento estudantil.

Outro tema urgente, o da transparência de dados e do fim da cultura do segredo, é analisado a partir da cultura hackerativista, as ações dos Anonymous, o projeto WikiLeaks e a criminalização do ciberativismo na figura de Julian Assange e de outros transformados em “terroristas” e inimigos do Estado e a reação violenta por parte de governos e corporações diante de ações de vazamentos de dados.

Um dos temas mais apaixonantes de @internet e #rua é a onda global de manifestações que vem se espalhando de forma virótica e viral. Com características e contextos bastante distintos e que pedem uma análise fina e diferenciada (Revolução Árabe, 15M Espanhol, Occupy Wall Street, Turquia, etc.), os ensaios trazem subsídios para entendermos as novas lutas globais.

Estamos diante de uma mobilização global político-afetiva nas ruas e nas redes. O 15M Espanhol tornou-se decisivo como referência e laboratório global das novas lutas. A exposição às imagens em tempo real produz outra qualidade de relação com o presente.

Trata-se de um impacto cognitivo-afetivo produzido pela transmissão ao vivo durante centenas de horas ininterruptas e com milhões de visitas e acampados virtuais, utilizando ferramentas de georreferenciamento para fincar bandeiras e cartografar acampamentos em praças reais e virtuais por toda a Espanha. Essa “radiação” política potencializa e cria acontecimentos, como vimos, se repetir pelo mundo com o Occupy Wall Street e as manifestações de junho e julho no Brasil.

Foram utilizados vídeos, *posts*, associados a *hashtags*, *tweets* e *memes online*, para criar ondas de intensa participação em experiência de tempo e de espaço, a partilha do sensível, a intensidade da comoção e engajamento construídos num complexo sistema de espelhamento, potencialização entre redes e ruas.

No Brasil, capítulo de um livro a ser escrito pelos muitos, a emergência de uma mídia da multidão aponta para um novo momento do midiativismo, encarnado, nos protestos em junho e julho de 2013 pela experiência da Mídia Ninja (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação) que cobriu colaborativamente as manifestações em todo o Brasil, “streamando” e produzindo uma experiência catártica de “estar na rua”, obtendo picos de 25 mil pessoas *online*. A Mídia Ninja fez emergir e deu visibilidade ao “pós-telespectador” de uma “pós-TV” nas redes, com manifestantes virtuais que participam ativamente dos protestos/emissões discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real e se tornando uma referência por potencializar a emergência de “ninjas” e midialivristas em todo o Brasil.

Indo além do “hackeamento” das narrativas, a Mídia Ninja passou a pautar a mídia corporativa e os telejornais ao filmar e obter as imagens do enfrentamento dos manifestantes com a polícia, a brutalidade e o regime de exceção (policiais infiltrados jogando coquetéis Molotov, polícia à paisana se fazendo passar por manifestantes violentos, apagamento e adulteração de provas, criminalização e prisão de midiativistas, estratégias violentas de repressão, gás lacrimogêneo e balas de borracha, etc.).

O que está em jogo afinal? #ninjasomostodos, o midialivrisimo e o midiativismo se encontram numa linguagem e experimentação que cria outra partilha do sensível, experiência no fluxo e em fluxo, que inventa tempo e espaço, poética do descontrolo e do acontecimento.

Exprimir o “grito”, como escreveu Jacques Rancière, tanto quanto tomar posse da palavra *é o modo de desestabilizar a partilha do sensível e produzir um deslocamento dos desejos e constituir o sujeito político multidão*. Trata-se de política como comoção, catarse, mas também negociação e mediação.

Estamos vendo surgir nas ruas uma multidão capaz de se autogovernar a partir de ações e proposições policêntricas, distribuídas, atravessadas por poderes e potências muitas vezes em violento conflito, mas que constituem uma esfera pública em rede, autônoma em relação aos sistemas midiáticos e políticos tradicionais e que emergiu e se espalhou num processo de contaminação virótica e afetiva, instituindo e constituindo uma experiência inaugural do que poderíamos chamar das revoluções P2P ou revoluções distribuídas, em que a heterogeneidade da multidão emerge em sinergia com os processos de auto-organização (*autopoiesis*) das redes.

Processos disruptivos, capazes de passar, de forma inesperada, de um medo ou euforia difusos a uma manifestação massiva, produzida por contágio e processos distribuídos do que Félix Guattari chamou de heterogêneses. Este livro vem pontuar a necessária atenção para os processos emergentes, a política, poética e erótica do contato, da contaminação, da experiência da insurgência em fluxo. Enquanto os poderes se reorganizam para um contra-ataque e guerra em rede, a multidão surfa nesse “devir mundo do ocupar” através de narrativas colaborativas que, mais que difundir as lutas, são a própria luta. (Rio de Janeiro, julho de 2013)